

ESPAÇO URBANO E IDENTIDADE: UMA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DA DEVOÇÃO À MARIA PEREGRINA EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-SP (1930-1960)

Nara Rubia Martins¹, Prof^a Dr^a Valéria Zanetti²

1 Univap/FEA, Rua Dr Tertuliano Delphim Jr, 181 – Jardim Aquarius, São José dos Campos – SP, narar_mt@yahoo.com.br

2 Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos – Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica – IP&D – Univap Av. Shishima Hifumi, nº 2911, Urbanova, São José dos Campos – SP. vzanetti@univap.br

Resumo- Propõe-se pensar a devoção dos moradores do bairro de Santana, na região Norte de São José dos Campos/SP, à mendiga Maria Peregrina por uma vertente histórica e geográfica, compreendendo-a como fenômeno que se relaciona à urbanização e industrialização do município a partir da década de 1950. Busca-se entender a urbanização joseense pós-1950 e as movimentações provenientes deste processo, como fomentadores de transformações sócio-históricas capazes de agir sobre a percepção de mundo e sobre a concepção de Identidade deste núcleo social, tendo como referência a dinâmica das disputas vivenciadas no espaço urbano.

Palavras-chave: Industrialização, Identidade, Bairro de Santana, São José dos Campos, Maria Peregrina.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

Maria Peregrina foi, segundo a tradição oral, uma mendiga que viveu por cerca de duas décadas, entre 1940 e 1964, na região onde hoje se situam os bairros de Altos de Santana, Vila Dirce, Vila Sinhá, Jardim Guimarães e Jardim Telespark. Em 1964, foi encontrada morta, sem sinais de violência, próxima à estação ferroviária do bairro.

Anos após sua morte começou a ser chamada de santa por vários moradores da região. Maria Peregrina tornou-se uma personagem da cultura local da qual muito se fala, mas pouco se sabe; e sobre quem as narrativas não cessam de se multiplicar.

Visa-se assim, entender a devoção dos moradores da região Norte da cidade à mendiga “Peregrina”, compreendendo sua mitificação a partir da realidade histórico-cultural de uma comunidade que passou por profundas transformações e que encontrou, na figura da anônima de Maria Peregrina, sua forma de identificação e valorização do passado.

Metodologia

Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento que será defendida em dezembro de 2011, no Curso de História, da Universidade do

Vale do Paraíba, intitulado “*Maria Peregrina: A perspectiva histórica da construção de um mito em São José dos Campos (1960- 1970)*”. Devido à carência documental, este estudo tem como fonte, basicamente, depoimentos orais concedidos por indivíduos que conheceram e conviveram com Maria Peregrina. Buscamos, por meio deles, perceber as representações subjacentes, bem como a dinâmica das variações desta história. As informações recolhidas em nossas entrevistas foram cruzadas com aquelas contidas em jornais de publicação local, como o *Vale Paraibano*, a fim de ampliar a gama de “versões” existentes desta história. Livros e relatos de memorialistas também foram utilizados com este fim. Trabalhou-se, por fim, com as leis de Zoneamento urbano de 1932, e com algumas publicações de cunho científico acerca do assunto.

Discussão

O Espaço Urbano e todos os desdobramentos que este conceito implica, torna-se extremamente significativo para a História na medida em que se busca articulá-lo com o contexto e com a ação dos sujeitos sociais neste espaço. Propomos desta forma, um debate interdisciplinar cujo cerne está no campo da Historiografia denominado História das

Representações; mas que se vale, contudo, de uma articulação com a Geografia Urbana.

A cidade de São José dos Campos, Conhecida desde fins do século XIX por abrigar diversos centros de tratamento para moléstias respiratórias, manteve sua economia em ascensão durante a primeira metade do século XX, graças ao capital movimentado em função dos doentes em tratamento e do financiamento Estatal conseguido com o título de Estância Climatoterápica e Hidromineral em 1935. Embora, neste período, existisse um setor industrial em expansão na cidade, este pouco se afigurava frente aos vultosos ganhos que a “indústria da doença” rendia aos cofres municipais.

De fato, as indústrias joseenses encontravam-se, na primeira metade do século XX, reunidas essencialmente na Região Norte do município, sendo a grande maioria situada no bairro de Santana. Dentre as indústrias instaladas no bairro podemos citar, inicialmente, em 1921, a fábrica de louças Santo Eugênio, a primeira a ser instalada na cidade, seguida da Cerâmica Santa Lúcia em 1922, pela Tecelagem Parahyba em 1925, a Cooperativa de Laticínios Central em 1935; Cerâmica Conrado e Bonadio entre 1936 à 1958, a Cerâmica Weiss em 1943, a Rhodosá de Rayon, primeira multinacional a fixar-se no município, em 1946, a Fecularia Rennó a partir de 1948, e a fábrica de Bobinas Electra Ltda. em 1955 (SANTOS, 2006 : 46).



Fig. 2: Mapa dos bairros da Região Norte
Fonte: Site da Prefeitura Municipal de São José dos Campos

Neste contexto, podemos pensar a relação entre o “bairro- cidade” com base na definição clara das funções sociais e econômicas de cada uma dos binômios envolvidos. Se por um lado Santana se conectava intrinsecamente às indústrias, o restante da cidade (a Zona Central) articulava-se ao redor dos Sanatórios.

De acordo com a urbanista Waldecy Ramos, dentre as exigências necessárias à concessão do título de Estância em 1935, estabeleceu-se que a municipalidade deveria mediar uma série de adequações na estrutura urbana e administrativa, que determinavam dentre outras coisas, reformas urbanísticas, a obrigatoriedade da nomeação, por via não-democrática, de prefeitos “sanitaristas” (RAMOS, 2008:45) e a implantação de uma política de Zoneamento do Espaço Urbano (RAMOS, 2008:16)

Desta forma, cumprindo as exigências previstas, a fim de pleitear o título de Estância, a primeira lei de Zoneamento Urbano do Município (1932) estabeleceu a divisão da cidade em Zonas, definidas por suas funções, a saber, Residencial, Comercial, Sanatorial, e Industrial (RAMOS, 2009: 42-43)

A distinção das funções sociais, urbanas e econômicas específicas de cada zona da cidade, permeou, de certa forma, a construção de uma posição isolacionista do bairro de Santana em relação à cidade. São José é nesse momento uma



Fig. 1: Mapa de São José dos Campos, divisão por Zonas (Destaque: Zona Norte)
Fonte: Site da Prefeitura Municipal de São José dos Campos

cidade-estância cuja economia e política se articulam em função desta denominação, Santana é uma área componente da cidade que, no entanto, não se beneficia da doença. O bairro, a partir de então passou a se articular, justamente, em função de sua exclusão da dinâmica sanatorial, organizando-se e percebendo-se a partir de sua função Industrial.

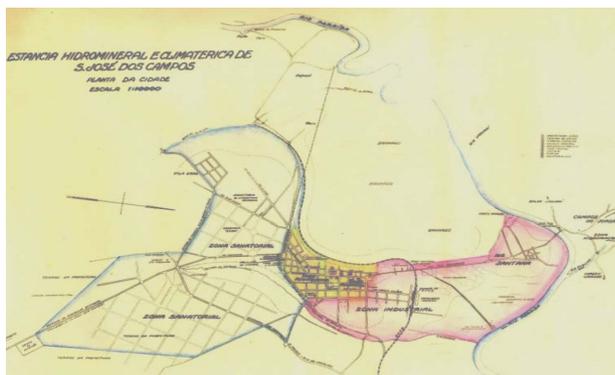


Fig. 3: Divisão da cidade por Zonas (Destaque: Zona Industrial em cor de rosa)

Fonte: AMARAL, 1930

No contexto da São José Sanatorial, o Zoneamento evidenciou a distinção entre cidade e bairro, definido não só o “tipo de estrutura” e as “destinações” adequadas à cada região da cidade (RAMOS, 2008:16), mas a função social destes espaços.

A divisão espacial como estratégia para atender as necessidades funcionais da economia do município, especificamente orientado para acolher os doentes acometidos pela tuberculose, limitou as fronteiras [...] Definida por uma linha imaginária que separava as zonas de tratamento da tuberculose da promissora Zona Industrial (Santana), a política de Zoneamento, ao tentar organizar a administrar a cidade segundo orientações dos modernos princípios de urbanização, acabou tornando a Zona Industrial uma área auto-sustentável com fortes apelos de emancipação política, que repercute ainda hoje na memória dos habitantes do bairro (RAMOS, 2008: Resumo)

Contudo, a partir da década de 1950, este cenário começa a se alterar, principalmente após a instalação do Centro Técnico da Aeronáutica - CTA, em 1950, e da Rodovia Presidente Dutra em 1951. A inauguração da Dutra provoca um progressivo deslocamento das indústrias, antes situadas em Santana, para as proximidades da Rodovia, sendo essa a forma de acesso mais rápida ao RJ e à SP, favorecendo o fluxo de

pessoas e mercadorias. Da mesma forma, O CTA, colabora para encaminhar São José dos Campos ao desenvolvimento do seu "complexo tecnológico industrial aeroespacial", (PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO-PDDI/ São José dos Campos, 1994: 33), retirando-o da etapa primária de industrialização, até então presente em Santana.

Obviamente, tais mudanças provocaram alterações profundas nas estruturas políticas, econômicas e sociais da Região Norte, que deixa de ser, a partir de então, o referencial industrial da cidade.

Propõe-se, desta forma, pensar esse contexto, com base na perspectiva de Lynch. De acordo com o autor a percepção que os indivíduos têm de um bairro está relacionado a uma série de imagens, que se relacionam, por sua vez, ao significado social do bairro, a sua função dentro da cidade, sua história, seu nome, entre outras coisas (Lynch apud COSTA, MACIEL, 2009: 63). Se considerarmos a colocação de Halbwahcs segundo a qual:

Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade (HALBWAHCS Apud COSTA, MACIEL, 2009: 63)

podemos dizer que as mudanças ocorridas em Santana pós- 1950 alteraram as imagens que, de acordo com Lynch, definem o bairro. O contexto histórico, e os desdobramentos que acarretou, modificaram o significado social da região e sua função dentro da cidade; alterando, desta forma, o “sentido” pelo qual o bairro era percebido.

Paralelamente, a cidade de São José, se vê as voltas com uma nova concepção de si mesma, estimulada pelas novas demandas do contexto. De acordo com Zanetti:

A identidade nos dá orientação, nos dá sentido às coisas, e nos permite definir o que é e o que não é importante para nós. É dessa forma que entendemos a identidade como um discurso da sociedade que se define a partir da demanda da reconstrução. Em função dessa demanda de constante re-construção, a cidade de São José se fez sanatorial e, da mesma forma, se tornou industrial. O sentido dessas identidades ou dessas narrativas da sociedade joseense só pode ser conferido pela história dessa cidade (ZANETTI, 2008: 208).

Ou seja, a partir da década de 1950 modifica-se o modo como a “realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990: 17), tanto no bairro, quanto na cidade. Pois, Bairro e Cidade adquirem novas funções sociais, sentidos e Identidades.

Cabe ressaltar que partimos do princípio de Identidade como a consciência que cada um tem de si, arquitetada pelo intercâmbio com outras pessoas e pela relação consigo mesmo (THOMSON, 1997: 8).

Isto posto, apresentamos Maria Peregrina como elemento capaz de reorganizar, implicitamente, a comunidade que se expande, dissolve (CERTEAU, 1982), e reestrutura, por ocasião do contexto histórico. Sendo um mito geograficamente restrito cumpre a função de identificar e diferenciar o grupo social que a construiu. Maria Peregrina é a representação de um grupo social, frente às contradições da modernidade, sendo ela mesma uma contradição ao congregar a capacidade de reaproximar uma comunidade que se expandia (CERTEAU, 1982), e revelando a possibilidade de diferenciação deste grupo social com relação ao restante da cidade.

Considerações finais

Compreender o sentido da Identidade de uma cidade e como esta é pensada, construída, divulgada e incorporada pelo indivíduos; implica, também, em pensá-la como uma produção de sentidos que se dá em função do processo histórico. A construção discursiva em torno da Identidade de uma cidade, compreendida em sua historicidade, demanda uma análise da percepção dos sentidos, pelos indivíduos, no âmbito dos acontecimentos da vida social.

Na dinâmica da nova sociedade urbana que estrutura pós-1950, valores novos e passados se entrecruzam, cumprindo a função de transformar um indivíduo histórico em um mito com possibilidades interpretativas múltiplas.

Referências

AMARAL, J. F. Inspeção Sanitária de São José dos Campos. São Paulo: EDUSP/Faculdade de Medicina, 1930.

CERTEAU, Michel de. Uma variante: *A edificação Hagiográfica*. A escrita da História, 1982. Disponível em: [http://www.esnips.com/doc/17c1eaa1-d0b7-4670-bf84-e81ce0026ae8/Michel-de-Certeau---A-Escrita-da-hist%C3%B3ria-\(pdf\)\(rev\)](http://www.esnips.com/doc/17c1eaa1-d0b7-4670-bf84-e81ce0026ae8/Michel-de-Certeau---A-Escrita-da-hist%C3%B3ria-(pdf)(rev)). Acesso em 20/08/2009.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*, São Paulo: Diefel, 1990

COSTA, Samira Lima; MACIEL, Tania Maria de Freitas Barros. *Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade*. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 61, n. 1, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v61n1/v61n1a07.pdf>

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1982.

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO –PDDI/ São José dos Campos, 1994. Disponível em http://www.sjc.sp.gov.br/saj/downloads/legislacao/caderno_tecnico_pl_diretor.pdf. Acesso em 20 de maio de 2011.

RAMOS, Waldecy Serafim. *Políticas de Zoneamento e seus reflexos no urbano: um estudo do bairro de Santana, São José dos Campos entre 1920 e 1950*. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, São José dos Campos: Univap, 2009.

SANTOS, Ademir Pereira. *Arquitetura Industrial: São José dos Campos*. Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 2006.

THOMSON, Alistair. *Desconstruindo a Memória: Questões sobre as Relações da História Oral e da Recordação*. In: *Projeto-História*. Revista do programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. *Ética e História Oral*. São Paulo: Educ, n. 15, 1997.

ZANETTI, Valéria. *Cidade e Identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC, 2008.